

LUCTADOR

ASSIGNATURAS

TRIMESTRE

Côrte e Nictheroy... 2\$000

Periodico Critico, Litterario e Scientifico

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

TRIMESTRE

Provincias..... 2\$506

CORRESPONDENCIAS, A' RUA DE S. JOSE' N. 47.

Anno I.

Rio, 27 de Maio de 1883

N. 4

LUCTADOR

Rio, 27 de maio de 1883.

Penetremos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ainda no anno de 1879 viam-se os estudantes inteiramente opprimidos pelo ensino obrigatorio. Sujeitavam-se ás impertinencias dos lentes e d'aquelles que tivessem vinte faltas durante o anno, embora em uma só aula, perdiam o direito de prestar exame de todas as materias do curso.

As aulas praticas eram muito poucas, mesmo a aula pratica de chimica, tão util aos pharmaceuticos e mesmo aos medicos em uma pesquisa toxicologica, ainda não existia. Havia ahi as trevas que precedem o despontar da aurora. Mas graças ao talento do Sr. Leoncio de Carvalho a aurora do ensino livre surgio irradiando a luz ás academias do imperio. Mas esta aurora que devia ser eterna e que podia provar a evidencia o esforço e a intelligencia dos estudantes, esta aurora, repito, que foi

acolhida com enthusiasmo pelos jovens sectarios do progresso e da sciencia, acaba de se obumbrar.

O ensino livre cahio.

Cahio, sim, repito. Mas não como cahiram os idolos pagãos aos embates da sciencia, mas como a liberdade sob as garras da escravidão, e Tiradentes no patibulo sob o sceptro da tyrannia! O director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro acaba de dar-lhe o ultimo golpe. Com certeza, não me posso convencer de que um homem tão illustrado podesse nutrir em seu craneo uma idéa que annuncia, ou pobreza de espirito ou desejo de elevar-se.

Pois o Exm. director, acaso ignora de que a Escola de Medicina não é sómente frequentada pelos estudantes ricos e que também muitos pobres ahi vão procurar uma posição honrosa e que seja o *cartão de visitas* que lhes annuncie á sociedade hoje tão corrupta? S. Ex. acaso ignora de que a posição do medico ou pharmaceutico, não é só para luxo,

e que muitos rapazes que estão matriculados trabalham para se manterem não podendo por isso frequentarem as aulas praticas? Não cremos, e se S. Ex. o não ignora para que procura retel-os, quando trilham a estrada da sciencia? Pois a frequencia das aulas praticas, a assignatura do estudante no livro do *ponto*, póde por si só constituir uma prova evidente de aproveitamento ou de estudo? Não, Sr. director! A frequencia das aulas póde apenas offerecer uma *probabilidade* de aproveitamento, de estudo por gosto ou curiosidade; mas nunca uma evidencia, nunca uma certeza. A unica prova de aproveitamento do estudante é o exame. Ahi elle poderá mostrar, patentear o seu, talento, e mesmo assim n'este lugar sacro a ignorancia é acobertada pelo manto da protecção.

Inteiramente convencidos de que S. Ex. não raciocinou bem quando organisou o novo regulamento, e que tendo errado irá emendar a falta, depomos a penna e promettemos não tornar mais ao assumpto porque *errare humanum est*.

FOLHETIM

SACCO DO ALFERES

O leitor nunca foi ao Sacco do Alferes? Não.

Ora, então não conhece a oitava maravilha do mundo; a proposito, ahi está um *bond*, vamos dar um passeio até lá, ande de préssa senão perdemos o lugar.

Sentamo-nos e principiamos a conversar a respeito da crise ministerial....

—Meus senhores, diz o conductor, este *bond* só vai até o Livramento.

—Ora bolas, então não nos serve; o outro demora muito?

—Olhe, está lá *atraç*....

Vamos a entrar.

—Diz o cocheiro: Este *bond* está sem tabol ta, vai só até o largo do Deposito.

—Isto não se atura!

—Tenha paciencia, meu amo, nós estamos muito atrasados.

Esperem pelo *bagageiro*, que vai até o ponto.

Afinal chega o *bagageiro*, entramos. O *bond* enche-se completamente.

—E' bom perguntar ao cocheiro se este vai ao ponto, observa um passageiro.

—Vai ao *fim do ponto terminal*, respondeu o cocheiro.

Principiamos a viagem.

Ao voltar a rua do General Camara e depois de muitos solavancos sahe o *bond* do trilho, o cocheiro continúa a fustigar os animaes, que arrastam o carro sobre as pedras. Depois de mais de um quarto de hora de atrazo, sahem os passageiros e a muita custo continuamos a viagem.

Chegamos ao largo do Deposito, o *bond* pára, o cocheiro apita, o bandeira abre o signal e continuamos; ainda bem não temos vol-

tado a curva da rua da Imperatriz, encontramos com outro *bond*! Estabelece-se uma discussão entre os cocheiros e conductores, o bandeira é gago e a muito custo se explica, os passageiros protestam e afinal de contas nem um nem outro quer voltar: faz-se baldeação.

Deixamos o *bagageiro* e entramos no *fumante*, segue o carro.

Ao chegarmos á rua da Saúde, parámos, uma carroça cheia de saccos com café sobre os trilhos com uma roda partida e entre os varaes um dos animaes cahido por terra, o qual pela sua immobillidade «faz-nos crêr que não pertence mais ao numero dos vivos!»

Descarrega-se a carroça e a muito custo.. passamos.

—Ah! Ah! Ah!

—O leitor ri-se, o que é?

—Veja o letreiro d'aquelle barbeiro.....

—«Lava-se e corta-se cabeça»

Te os fi alisado um claruto e tentamos debalde accender outro. Principiamos a conversar sobre a companhia italiana, a recita do Boccacio, a questão da Copacabana, etc, o *bond*

CORREIO

Sr. Sylvio de La-Tour.—Cá recebemos ... não havia pressa. Olhe que o Sr. reduz o Sr. Nada a nada, à pó impalpável. Talvez houvesse porph. risação.

×

Sr. Buardo.—Os Curcelinos para outra vez, sim? O Pedrosa prepara-lhes a música...

×

Sr. Euclides.—O mesmo que ao Sr. Boiardo. Tenha paciência... um dia ha de vir em que... sim, percebe, não?

×

Sr. Raul Gonzaga.—Já estávamos á sua espera. Porque nos faz esperar tanto? Agora sim. invadiram-nos umas alegrias...

×

Sr. L. Barreto.—Não gostou? Felizmente nem todos pensam como o Sr. *sine qua...* ai! que catastrophe! *Ridendo castigat mores!*

×

Sr. Souza Menezes.—Pois não, com todo o prazer, meu caro, e cá estemos...

×

dá um salto tão grande, que quasi, o leitor salta fóra.

—O que foi?

O conductor responde sorrindo:

—Uma pedra que estava no trilho.

Disfarçamos o susto e enquanto o *bond* pára na rua do Livramento á espera que o outro entre no desvio, aproveitamos o ensejo e accendemos o charuto.

Após uns dez minutos de demora enquanto o outro carro passa e o cocheiro endireita os arreios dos animaes, continuamos.

—Ah! Ah! Ah!...

—O que é? o que é?

—Olha aquelle letreiro....

—Aqui jáz o *supimparo vinho virgem*.

Continuámos com todo o vagar, os animaes quasi que não podem com o carro, pudera elles comem «milho na garrafa».

Paramos de novo á rua da Gambôa á espera do outro *bond*!

Alguns passageiros teimam que não tem mais *bond* dentro o cocheiro e o conductor insistem que o 67 ainda não passou.

Ficamos seguramente um quarto de hora (!)

Estoure o Champagne ..

Fazem annos: hoje, a Exma. Sra. D. Amelia Menezes de Brito e a 3 de Junho do corrente anno. a Exma. Sra. D. Felismina Amelia de Souza Menezes.

Como não vamos ao chá... d'aqui enviamos os nossos parabens.

VISITAS

Fomos honrados com as visitas do 1.º e 2.º numeros da — *Phalange*, jornal que se publica n'esta côrte e que antigamente denominava se *Bicho*.

Esperavamos anciosos e no entretanto já *alguem* por nós havia recebido o que nos cabia.

E' o caso de dizer-se: *ahi cara dura!*

No 1.º numero, no folhetim, do Sr. Carlos Machado ha um topico de muito effeito: — *Minha filha, responde! Estás morta?...*

Como havia de responder a filha se estivesse morta?

Hoc opus hic labor est!

Ha uma bôa poesia da Exma. Sra. D. Revocata de Mello.

No 2.º numero ha uma poesia — *Idealismo* que tem alguns versos *rheumaticos*.

Dos *biolets*, o ultimo não nos agradou; em compensação apreciámos muito o soneto da auctora dos *Preludios*.

No mais é um jornal que progride intermerato.

E com razão!

á espera do 67, quando avistamol-o *atráz*, de nós vindo da cidade.

—Os senhores tenham paciencia, diz o conductor, de passarem para o 67, que os levará ao ponto, nós estamos com um atrazo de tres quartos de hora!

Depois de uma ligeira altercação de palavras, resolvemos a passar para o 67 e continuarmos a nossa *esplendida* viagem.

Paramos novamente em frente á estação maritima, para dar passagem ao trem, finda a qual continamos e até que afinal chegamos ao ponto denominado—Gambá—e isto depois de hora e meia de viagem!

—Vamos até a praia Formosa?

—Vamos.

Percorremos ligeiramente a praia Formosa, assim intitulada por uma ironia da camara municipal.

Esplendido!

—Olha aquelle capado, que bonita gallinha d'angolla e aquelles pintinhos?

A praia Formosa é na verdade de uma *formosura* unica—do lado da praia é de uma

Recebemos tambem. a *Patria*, que muito nos honra com as palavras animadoras que se dispensam a quem começa.

Não precisamos de elogios para encarecer um jornal cujo nome é a sua mais brilhante recommendação.

Ainda recebemos o 1.º numero do *Guanabara*, orgão de Botafogo, que traz bons artigos.

SCIENCIAS

ALGUMAS PALAVRAS

Sectarios das doutrinas scientificas, não podemos deixar de servirmo-nos destas columnas para dizer algumas palavras sobre as raças, especie e origens scientificas do *homo sapiens*.

«La serie ou échelle animale sera donc le passage successif et gradué qu'on peut parcourir dans l'étude des animaux, pourvus des organes les plus compliqués, partant des organisations les plus simples,» diz um autor.

E assim é, quando reflectimos sobre as analogias que existem nas diversas raças, não nos escapam as mais sensiveis, e dellas concluimos sem hesitação o enfeixe gradual que guardam umas com as outras; e, ás vezes até. entre especies muito remotas nós encontramos relações, laços de parentesco, que nos levam a crêr, que partidos de um só ramo, todos os animaes se ligam intimamente, attendidas as diferenças do meio.

poesia arrebatadora, estendidas sob e a relva as rêdes dos pescadores, as canôas encalhadas e resguardadas do sol por alguns ranchos de sapê, os proprios pescadores espreguiçam-se e dormem o somno dos justos.....á espera da maré!

Que poesia!

—O leitor já está satisfeito, quer voltar?

—Quero, mas prefiro voltar de *canôa*.

—Vamos ao Garibá e lá fretaremos uma.

Chegamos ao Gambá, o leitor frêta uma *canôa* e embarca.

—Então o senhor não embarca... ah! ah! prefere o *bond*!

—Ei fico, eu sou.....morador d'aqui.

—O senhor? !....

A viração está fresca, o marinheiro abre á vela e a *canôa* desaparece como uma garça beijando as ondas e eu.....eu envergonho-me do pasmo do leitor!

Rio—1883.

LEONCIO D'ALBUQUERQUE.

Vamos seguir um methodo especial nestes nossos artigos e por isso, pomos desde já o leitor ao corrente delle.

Em primeiro lugar daremos os pontos de contacto entre todos os mamíferos e especialmente, entre os homens e os quadrumanos; depois por conclusões logicas, observações dos autores, attenção aos meios, discussão dos costumes e analyse das faculdades que revelam, nós discutiremos a possibilidade de successão.

E' para nós, na verdade, ardua esta tarefa, começou d'agora o estudo das sciencias naturaes, para as quaes sempre tivemos inclinação é muito possivel, que commettamos erros, que não serão talvez perdoados pelos que são arraigados ás theorias absurdas e retrogradas do tempo.

Resta-nos, porem, uma consolação é que estes que, assim pensam, são apenas repercutores de échos mal infundados e sem nenhuma base scientifica; são homens que enlaçados ao rude pyrrhonismo, não querem abandonar as theorias absurdas do genesis mosayco.

Estes, embora estudem as sciencias naturaes, embora aceitem essas theorias, têm crenças abstractas sugadas aos seios de algumas nutrizes fracas e anemicas, que só sabem a historia da carocha e outras quejandas.

Alguns pretendem levar ao ridiculo artigos e actos daquelles que só trilham os terrenos lavrados pela sciencia e explorados pela observação de milhares de homens insuspeitos e muitos annos de trabalho.

Comtudo, nós não tememos os apêdos, nós não temos receios, discutiremos com as bases que nos facultam as diversas sciencias.

Começaremos pelos caracteres geraes. depois passaremos aos particulares; seguiremos as divisões de Jorge Cuvier, deixaremos de parte todos as outras divisões e trataremos dos vertebrados.

Ahi chegados escolheremos a classe dos mamíferos.

Todos os animaes que pertencem a esta classe, tem um systema nervoso especial com seu centro contido n'um reducto osseo, que ora tem a fórma de uma capsula como o craneo, ora tem a fórma de um tubo allongado, composto de peças osseas, sobrepostas umas ás outras, im-

bricando-se como as telhas de um telhado; refiro-me á espinha dorsal.

Com algumas dessas peças ou vertebrae articulam-se as costellas, que formam o thorax e que são um meio de protecção aos orgãos internos.

Comparando os diversos esqueletos encontramos sempre semelhanças e analogias em toda a serie animal, apesar de que alguns animaes têm o esqueleto cartilaginoso como os peixes; mas isto não constitue uma differença, porque a cartilagem é a fonte do tecido osseo.

Os animaes mamíferos são de sangue vermelho, têm circulação completa e dupla.

O apparelho digestivo é de todos o mais aperfeiçoado.

A respiração é feita por pulmões; são vivíparos e têm um caracter distinctivo e especial o maxilar inferior articula-se com o craneo.

São estes os caracteres essenciaes, talvez que sejam encontradas algumas omissões, isto porém, não constitue defeito.

As femeas do homem e do macaco, do cão e de alguns outros, dão á luz pequenos entes analogos ou cujos caracteres são quasi analogos; porque, póde acontecer que o não sejam; e estes entes são nutridos por orgãos proprios á lactação.

Elles têm um systema muscular especial, que lhes serve para a locomoção; têm pellos mais ou menos longos na espessura do derma os quaes raream em certos lugares do corpo, conforme os habitos, e algumas ordens não têm pellos como nos ichthyomorphos.

24-5-83.

SYLVIO DE LA TOUR.

(Continúa).

ELECTRICIDADE ATMOSPHERICA

(Continuação)

Entretanto, Franklin, na America, tinha continuado a seguir suas idéas que deviam mais tarde dar-lhe um renome immortal.

A falta de edificios de grande altura, elle imaginou fazer descer a electricidade das nuvens sobre a terra por meio da corda de um papagaio de papel corado por uma ponta metallica, e desde as bellas experiencias de Newton sobre as côres

desenvolvidas nas bolhas d'agua de sabão, foi esta a segunda vez e n'que os divertimentos das crianças tornaram-se para a physica os instrumentos das mais bellas descobertas.

Franklin, preparou, pois, dous pedaços de pau em fórma de cruz, cobertos de seda, uma corda de extensão conveniente e dirigiu-se ao campo para tentar a experiencia. Temendo que o ridiculo viesse cahir sobre si, apenas o acompanhou seu filho, unica testemunha que devia participar de sua primeira gloria.

Já o papagaio estava lançado ao ar e elle segurava na corda, mas no entretanto, ainda não havia signal algum de electricidade, até que o papagaio avizinhou-se de uma nuvem que parecia trazer o raio.

Franklin já se julgava enganado, quando emfim, uma pequena chuva veio molhar a corda e augmentar sua faculdade conductriz; elle viu então partirem d'ella algumas scentellas. Immensamente jubiloso ficou apreciando este phenomeno que elle havia previsto, devedo a sua vida á corda não estar mais molhada ou ser de natureza mais conductriz.

Foi em 1752 no mez de Junho, que se effectuou esta experiencia, sendo repetida em todos os paizes sabios e sempre com o mesmo successo.

Um magistrado francez, de Romas, assessor ou presdial de Nérac, modificou o apparelho de Franklin de uma maneira feliz. Imaginou entrelaçar um fio de ferro mui fino com a corda do papagaio e para que o observador não estivesse exposto a descargas imprevistas, a extremidade inferior da corda termina por um cordão de seda de oito ou dez pés de comprimento, por meio do qual o papagaio e o fio, estavam isolados.

De mais, em lugar de tirar d'ella as scentellas com o dedo, o que faz o observador receber a descarga. Romas imaginou tiral-as por meio de um conductor metallico communicando ao solo por uma cadeia e conservando-se preso á mão pelo intermeliario de um cabo isolador, que é o nosso excitador actual.

Havendo aperfeiçoado o apparelho, Romas não hesitou em pô-lo em presença das nuvens mais carregadas de electricidade.

E' necessario uma prudencia enorme para se apreciar d'estes resultados; áquelle que tal não tivesse, resultaria o mesmo que a Richmann, professor de physica em S. Petersburgo, que, tendo introduzido no interior do seu quarto a parte inferior de uma barra com a qual tinha observado o estado athmospherico, foi subitamente ferido por uma explosão e encontrado morto junto ao aparelho.

FLAVIO GONTRAND.

(Continua.)

POESIAS

A UMA CAVEIRA

(Á MEMORIA DE JOSÉ DE ALENCAR)

Ahi onde tu vês, pulsou a vida,
Como nós foi tambem... hoje coitada
E' como n'um jardim flôr fenecida,
Eil-a hoje... materia inanimada!

N'ella a crença habitou... hoje esquecida...
Do mundo humano, da existencia o nada,
Hoje na morte descansou da lida,
Da lida infame que a existencia fada,

Merecêra nascer, morrendo ainda,
Merecêra viver eternamente,
Merecêra gozar ventura infinda;

Pois d'este craneo talentoso e forte
A scentelha da vida inconsciente
Não podia apagar-se pela morte!

FLAVIO GONTRAND.

NATURAL

O céu é todo azul. A aragem, do arvoredos
Vem deslocar medrosa as gottas crystallinas
Que o orvalho deixou nas horas do segredo.

Tudo se regozija; as rosas purpurinas
Deixam-se balouçar na briza delicada
Que vem meiga beijar as pétalas divinas.

O cadaver da noute amena e regelada
Descamba no horizonte, envolto na mortalha
Que o sol lhe vem tecer de luz esbranquiçada.

Além ha uma cabana o tecto seu de palha
Transpira essa alegria infinda da campina
Que a todo o viajante a confiança espalha.

Na frente ha uma enorme e verde casuarina
Que canta uma canção que os genios compuzeram
De bella melodia, esplendida... divina!...

Além abriu-se a porta os gonzos seus rangeram;
Uma linda menina empunha uma sacólla
Que os pombos fitam sempre e desde que nasceram.

E ella vem alli, caminha como a rô'a,
Espalha no terreiro o milho dos pombinhos...
E... ouve-se lá dentro os sons d'uma viola.

3-4-83.

ARTHUR T. DUARTE.

NO FAUTEUIL

A noite veio então cobrir os infinitos...
O chambre é de carvão cravado de brilhantes...
Das casas dos botões espiam mui afflictos,
Dos rapidos fuzis os olhos scintillantes!

E eu gosto de fruir, assim, noites de f das...
Anjo dos sonhos meus, se vãos do relento:
Não vês como sacode as plumas alvejadas
A garça do oceano azul do firmamento?!...

1883.

RAUL GONZAGA

LOGOGRIPO

A' L. PESSANHA.

Primorosa cidade americana 22.9.17.14.6.4.19.11.6.15.
Existiu lá da Grecia no terreno, 8.18.12.7.19.2.22.5.6.23
Sempre espargindo a crença soberana 17.6.19.21.10.14.11.
Se encontra na sciencia de Galeno; 10.5.19.15.17.6.22.2.22.18.
Antigamente esteve em mão romana, 24.9.5.13.23.
Na vã Mythologia foi veneno, 17.4.22.14.18.13.19.11.
Hoje está na mais ampla Geometria, 14.4.5.19.18.4.1.19.23.
Até mesmo na simples drogaria 20.18.16.10.18.3.11.

E' composto esquisito e no abandono
Se achará na sciencia do carbonio.

FAUSTO MENDES.

1883.

CARTAS AO SR. NADA

Nada.

Comprehendo o que dizes, tu és sceptico, és descrente, não és materialista, nem mesmo forçado. Como?

Pois tu crês, que uma agglomeração de átomos seja nada? Não é possível. Não creio, tu és sceptico. Nada significa *nenhuma cousa*; a nuvem em que te encarnaste é alguma cousa.

Tu partes para o nada, e no entanto sendo nada tu vaes te consolar dando vida a pequenos animaes. Do nada, nada se faz.

Já viste, meu amigo, não penso d'essa fórma.

Eu sei que a desgraça faz d'essas cousas, mas eu te digo que eu sou alguma cousa, e a prova é que te escrevo, porque tenho vontade de tirar-te d'esta desconfiança.

Nihilum sum aliter, quam fui.

24-5-83.

SYLVIO DE LA TOUR.

ANNUNCIO

PHARMACIA GUTERRES

DIRIGIDA PELO PHARMACEUTICO

Cucinato Ferreira Guterres

RUA DOS VOLUNTARIOS DA PATRIA

N. 74

(Botafogo)

EXPEDIENTE

A redacção do *Luctador*, além de franquear as columnas do seu Jornal a quem n'elle quizer collaborar, aceita annuncios commerciaes ou outros quaesquer, mediante o preço de cem réis a linha.

Aquelles senhores que, havendo recebido exemplares do *Luctador* não os devolverem, serão considerados assignantes.

Typ. — Rua de S. José n. 47.